

A CONTRIBUIÇÃO FRANCESA E ANGLO-SAXÃ NA FORMAÇÃO DO PENSAMENTO GEOGRÁFICO BRASILEIRO.¹

*Eduardo Pazera Jr. **

ABSTRACT

Contributions in french and in english to the brazilian geographical science. We analyse the history of the brazilian geographical thought since the end of the last century and the influence of french and english authors. Until the Second World War, the 'french school of geography' was predominant. Later, some american authors are known. In the last years of the sixties there happens the debates of the "quantitative revolution", in Rio de Janeiro and Rio Claro. After the great discussions in the seventies, there is a new brazilian geographical thought, that receives different foreign influences (no more only french and american), and has a critical position.

KEY-WORDS: History of geographical thought, geographical literature, brazilian geographical literature, brazilian geographical thought.

RESUMO

Este artigo analisa a história do pensamento geográfico brasileiro, a partir dos fins do século passado, levando em conta as influências dos autores de língua francesa e inglesa. Até a Segunda Guerra Mundial, a influência francesa era predominante. Posteriormente, tornam-se conhecidos alguns autores norte-americanos. Nos fins da década de 60 ocorrem os debates da chamada "revolução quantitativa", no Rio de Janeiro e em Rio Claro. Após as grandes discussões da década de 70, passa a existir um novo pensamento geográfico brasileiro que recebe também outras influências (além da francesa e norte-americana), dentro de um espírito crítico.

PALAVRAS-CHAVE: História do pensamento geográfico, literatura geográfica, pensamento geográfico brasileiro.

Após a afirmação da Geografia como ciência, no último quartel do século passado, os primeiros textos de Geografia do Brasil, com uma abordagem científica, foram produzidos em francês. A França e a Alemanha lideravam a produção geográfica da época, contudo, a produção alemã, nesse período, não encontrou eco no Brasil. Viviam-se os tempos em que o francês, como língua de cultura, exercia uma influência considerável junto às elites brasileiras. Evidentemente, a literatura geográfica brasileira não fugiria à essa norma. A literatura geográfica americana, ainda em formação, mal saía das suas fronteiras. A produção britânica nos era desconhecida, eclipsada pela francesa. Não seria exagero afirmar que, início deste século até os fins da década de trinta, um único autor norte-americano teve certa divulgação nos meios geográficos brasileiros; assim mesmo, na Geomorfologia: William Morris Davis², com o seu "ciclo de erosão".

O exemplo mais expressivo dessa fase pioneira do predomínio francês, quando ainda não havia produção científica geográfica nacional, foi dado pela obra de Elisée Reclus³. Um dos dezoito volumes da sua monumental "Géographie Universelle",

* Professor Adjunto, Depto. de Geociências, Universidade Federal da Paraíba (João Pessoa).

dedicava numerosas páginas ao Brasil, com base em suas observações de campo. É muito significativo, também, que uma das mais importantes monografias geográficas — “Le Brésil Meridionale” — foi redigida em francês pelo brasileiro Delgado de Carvalho⁴, que estudara na França, na primeira década deste século.

O marco decisivo da influência da escola geográfica francesa foi dado com a fundação da Universidade de São Paulo, em 1934. Os fundadores da novel instituição convidaram franceses para o ensino na área das “humanidades”. Pierre Deffontaines⁵ e logo após, Pierre Monbeig⁶, ministraram disciplinas no então curso de Geografia e História da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP. Deffontaines, em seguida, trabalha na Faculdade Nacional de Filosofia, do Rio de Janeiro (Universidade do Brasil). Monbeig permanece vários anos na USP, formando uma pléiade de discípulos fiéis aos ensinamentos de sua Geografia Humana abeberada nos ensinamentos de Paul Vidal de La Blache⁷ e, em parte, nas idéias de Jean Brunhes⁸. A Geografia Física é influenciada pela obra de Emmanuel De Martonne⁹. Monbeig e Deffontaines têm atuação decisiva no surgimento e expansão da Associação dos Geógrafos Brasileiros (a AGB, criada em 1934, talvez seja, não só, uma das mais antigas sociedades científicas do país, como também uma das poucas de caráter nacional sediadas fora da capital federal — em São Paulo). Nas duas décadas seguintes a AGB teve um papel decisivo no treinamento de jovens geógrafos brasileiros, em pesquisa de campo e redação de monografias, graças às suas célebres “Assembléias Gerais”. Nestas, sob a direção de geógrafos mais experimentados, realizam-se trabalhos de pesquisa de equipe¹⁰. Na produção agebeana de então, o pensamento geográfico francês domina de modo quase que absoluto, com seu atilado espírito de observação.

Ainda em São Paulo, dentro da mesma linha, cabe lembrar a figura impoluta de Aroldo de Azevedo¹¹. Após ter se bacharelado em Direito, antes da criação das Faculdades de Filosofia, Aroldo de Azevedo passa a lecionar Geografia e escreve livros didáticos para o ensino secundário. Seus livros, de cuidadosa elaboração geográfica e de alto nível vernacular, baseiam-se em grande parte, em textos franceses. Este mestre ingressa como aluno da primeira turma do curso de Geografia e História da USP e logo após concluí-lo torna-se um de seus mais brilhantes professores. Será ele um dos baluartes da escola geográfica francesa no Brasil. Contudo, já no início da década de sessenta, após uma visita do mestre aos Estados Unidos, este traz algumas idéias norte-americanas para a Geografia da USP. Não obstante, essa influência será exercida mais no plano formal (Departamentalização, equipes para seminários, etc), do que na parte intrínseca do que se poderia chamar de “pensamento geográfico” da USP.

Voltemos ao período da criação da USP. Nesta época, dois centros vão se destacar na produção geográfica, desta vez no Rio de Janeiro: o IBGE e a FNF. Nestes, a influência francesa não é tão absoluta como em São Paulo; embora seja decisiva no período inicial. A então capital da República parece contar com uma maior liberdade de opções (menos influenciada culturalmente pelos — talvez — “francófilos” Julio de Mesquita, Paulo Duarte e outros?). O IBGE, por exemplo, contava com profissionais de outras áreas (engenheiros civis, agrônomos, etc) que vinham de outras influências. A FNF também teve em seus quadros um docente de origem norte-americana, o Prof. Hilgard O'Reilly Sternberg (hoje trabalhando na Califórnia).

A Segunda Guerra Mundial facilitara a influência yanque no Rio de Janeiro. É curioso que até mesmo a escola geográfica alemã, na pessoa de um de seus representantes na Geografia Humana — Leo Waibel — ali chegara através dos Estados Unidos, onde Waibel¹² se refugiara do nazismo.

Na década de cinquenta, em todos os centros de produção científica geográfica no Brasil, ainda é notável a influência francesa. Na USP, é sensível a influência da obra de Max Sorre¹³. Isto fica patente nos textos produzidos por ocasião do Congresso Internacional de Geografia¹⁴ (da União Geográfica Internacional) em 1956, sediado no Rio de Janeiro. Não obstante, já se prenuncia uma certa influência dos autores de língua inglesa. Por exemplo, na área de Geografia Humana, os trabalhos de Preston James¹⁵, parecem ter certa repercussão.

A década de sessenta representará um expressivo período de transição na ciência geográfica brasileira. Quanto à corrente francesa, à tradicional linha funcionalista, somam-se os trabalhos de Pierre George¹⁶ e posteriormente os de Yves Lacoste¹⁷, com uma preocupação com o "social" e até mesmo com o "político". Todavia, o grande impacto se dará já quase no fim dos anos sessenta. Trata-se da corrente representada pelos autores de língua inglesa que irão provocar aqui a "Revolução Quantitativa"¹⁸. O termo talvez hoje peque pelo exagero. Naquela época, exerceram um grande impacto esses textos de autores que empregavam métodos quantitativos e demonstravam preocupações teóricas. Dois núcleos assumem posição de destaque: o Rio de Janeiro (notadamente o IBGE) e o Depto. de Geografia da FFCL de Rio Claro-SP. Contribuição muito importante dessa vertente anglo-saxã foi a preocupação com a teoria e o questionamento metodológico na ciência geográfica brasileira. Fato importantíssimo: abriu-se o debate numa área tradicionalmente tida como "acomodada". Essa discussão, nem sempre elegante e (às vezes), prejudicada pelas limitações políticas do país (como ocorreu na década de setenta), revelou-se bastante profícua. Acirra-se a contradição representada por uma "nova" Geografia (de influência anglo-saxã) de um lado e uma "Geografia clássica" (de influência francesa), de outra parte. É necessário não esquecer que a própria França também sofre a influência das idéias anglo-saxãs e trava o debate (embora em moldes diferentes do Brasil).

A década de oitenta vai consolidar uma nova literatura geográfica brasileira que não se limita a repetir a produção alienígena.¹⁹ Ela será bem mais nacional. Contudo, as influências francesa e anglo-saxã ainda se fazem sentir, se bem que com um novo espírito crítico.

A situação atual da literatura científica do nosso país apresenta quadros bem mais variados que os do passado. Há uma maior dispersão de importantes centros do pensamento científico por muitas áreas fora do eixo Rio-São Paulo, com várias linhas de pensamento. É significativo que muitos autores brasileiros conciliam — sem contradições — influências que procedem tanto das idéias anglo-saxãs e francesas, como outras.²⁰ Isto acontece, não só com os profissionais dotados de uma postura rotulada como mais "tradicional", como também, com os (ditos) "jovens"). Nestes últimos, destaca-se a produção dos representantes da corrente denominada "Geografia Radical". Nesta, tanto em sua orientação marxista como na anarquista, exercem influência textos de língua inglesa ou francesa, indiferentemente. As duas revistas mais conhecidas no Brasil, pelos seguidores dessa linha, são a francesa "Hérodote" e a americana "Antipode".

Concluindo, é lícito afirmar que a moderna literatura geográfica brasileira nasceu sob a influência francesa; posteriormente, sofre uma "crise da adolescência", sob a influência anglo-saxã. Hoje, a caminho da maturidade, concilia essas duas influências — dentro de um espírito crítico — e também recebe (embora em menor grau), outras influências.

NOTAS E REFERÊNCIAS

1. Trabalho baseado (parcialmente), em uma das questões da prova de seleção para o programa de doutoramento em Geografia do Inst. de Geociência da UNESP — Rio Claro.
2. W. M. Davids — The geographical cycle. **Geographical Journal**. 14:481-504 (1899).
3. E. Réclus — **Nouvelle Géographie Universelle. La Terre et Les Hommes**. Vo. XIX, cap.2, Hachette, Paris (1894).
4. C. Delgado de Carvalho — **Le Brésil Meridional. (Etude économique)**. Soc. Anonyme des Publications Périodiques, Paris (1910).
5. P. Deffontaines — Dez Anos de Trabalhos Geográficos. **Rev. Bras. de Geogr.** 2(4/6): 251-252 (1946)
6. S.C. Bray — O pensamento e o método na obra de Pierre Monbeig —análise dos trabalhos produzidos nas décadas de 30 e 40. **Rev. Geogr. S. Paulo** 2:83-90 (1983).
7. P. V. de La Blache — **Principes de Géographie Humaine** A. Colin, Paris (1922).
8. Jean Brunhes — **La Géographie Humaine** 2 vols. Libr. Félix Alcan, Paris (1934).
9. E. De Martonne —**Traité de Géographie Physique**. A Colin, Paris (1930).
10. C. A. F. Monteiro — **A Geografia no Brasil (1934-1973) Avaliação e Tendências**. Inst. de Geografia USP, S. Paulo (1980).
11. W. dos Santos — **A obra de Aroldo de Azevedo — uma avaliação**. Dissertação de mestrado, Inst. de Geociências e Ciências Exatas UNESP, Rio Claro (1984).
12. Vários trabalhos de Waibel foram reunidos, posteriormente, em L. Waibel **Capítulos de Geografia Tropical e do Brasil**. IBGE, Rio (1958).
13. J. F. Megale — **Geografia e Sociologia em Max Sorre**. IPEA. USP, S. Paulo (1983).
14. O. Valverde — Evolução da Geografia Brasileira no Após-Guerra (carta aberta de Orlando a Orlando). **Bol. Paul. de Geog.** 60:5-21 (1983/84).
15. P. James — **Latin America**. Odyssei Press. New York (1950).
16. P. George —**Précis de Géographie Economique**. Presses Universitaires de France, Paris (1956). Esta obra foi logo traduzida e teve sucessivas edições, juntamente com vários outros manuais editados pela PUF e divulgados aqui pela Difel.
17. P. George, R. Guglielmo, B. Kayser, Y. Lacoste — **A Geografia Ativa**. Difel, S. Paulo (1968).
18. M. V. Galvão e S. Faissol — A revolução quantitativa na Geografia e seus reflexos no Brasil. **Rev. Bras. Geogr.** 32(4):5-22 (1970). Em Rio Claro, em 1971, foi fundada a Associação de Geografia Teorética, com o seu órgão o "Boletim de Geografia Teorética".
19. M. Santos (org.) — **Novos Rumos da Geografia Brasileira**. Hucitec, S. Paulo (1982).
20. R. Moreira (org.) —**Geografia: Teoria e Crítica. O saber posto em questão**. Vozes, Petrópolis (1982). Ver também nota 19 e A. C. R. de Moraes — **Geografia. Pequena História Crítica**. Hucitec, S. Paulo (1981). M. C. de Andrade — O Pensamento Geográfico e a Realidade Brasileira. **Bol. Paul. de Geogr.** 54: 5-28 (1977).